



Elixir 914: história e publicização contra a sífilis ¹

Lilian Muneiro²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

Sabe-se que a publicidade é reflexo do tempo que se vive. Campanhas de remédios sempre chamaram atenção por terem público amplo e, dependendo da enfermidade, sucesso imediato por representarem possibilidade de cura e esperança em ter a saúde em dia. O Elixir 914 foi um fármaco tido como solução para vários males entre os quais a sífilis, doença antiga, que foi considerada uma peste. Esta comunicação investiga de modo breve a historiografia da doença e, em especial, a publicização do Elixir 914 feita no jornal O Momento, publicado em três de março de 1945, da cidade de Caxias do Sul, cidade expressiva do Rio Grande do Sul. Através de pesquisa exploratória, método bibliográfico e com aporte da semiótica da espacialidade apresentamos as estratégias de comunicabilidade, construtibilidade e visualidade.

Palavras-chave: Sífilis; publicidade; espacialidade.

Certamente a sífilis tirou o sono e saúde dos célebres: Van Gogh, Edvard Munch, Paul Gauguin, Toulouse-Lautrec, Charles Chaplin, Oscar Wilde, Friedrich Nietzsche, Leon Tolstói, Ludwig Van Beethoven, Franz Schubert. A historiografia também menciona o nome dos reis Luiz XV e Henry VIII, do mafioso Al Capone, dos estadistas: Napoleão Bonaparte, Adolf Hitler e Vladimir Ilyich Uliianov - Lenin.

¹ Trabalho apresentado no GT História da Publicidade e das Relações Públicas

² Professora Associada do Departamento de Comunicação da UFRN. lilianmuneiro@gmail.com



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

No Brasil a doença sempre foi velada. Talvez o imaginário da doença estivesse mais cristalizado. Nosso exemplo com mais repercussão veio do futebol: Heleno de Freitas. Craque do Botafogo entre as décadas de 1940 e 1950 morreu por causa da sífilis. A biografia de Clarice Lispector, expressivo nome da literatura brasileira, escrita por Moser (2016) revelou que seu nascimento era aguardado como cura para a enfermidade que vitimou sua mãe. Existe um esforço em trazê-la a tona pois o país enfrenta epidemia da sífilis desde 2017.

Embora muitos ainda desconheçam a sífilis e sua gravidade a doença teria surgido antes da Idade Média. Há uma década pesquisadores brasileiros da Universidade de São Paulo (USP) desenvolveram estudo³ envolvendo biologia molecular que confirmou que a sífilis, conhecida também como Mal de Vênus, alusão a Deusa do amor, tem pelo menos quatro mil anos. Ficou refutada a hipótese de que Colombo e sua tripulação seriam responsáveis por disseminar a doença no velho continente. Passada uma década, em 2020, pesquisadores da Universidade de Zurique também comprovaram que a bactéria antecede as viagens realizadas pelo navegador. Foi através da análise de restos arqueológicos humanos coletados na Estônia, Finlândia e Holanda que os cientistas suíços aferiram que o código genético da bactéria, tida como precursora da sífilis moderna, evoluiu entre os Séculos XII e XIV⁴.

A história registra a contribuição de estudiosos da Escócia, Polônia, Áustria, Alemanha, França, Japão, Itália, Portugal, Canadá, Romênia, dos EUA e do Brasil. Eram neurologistas, oftalmologistas, dermatologistas, psiquiatras, bacterologista, zoólogos,

³ O Estudo denominado *Syphilis at the Crossroad of Phylogenetics and Paleopathology* foi feito em 2010, pelos pesquisadores: Fernando Lucas de Melo, Joana Carvalho, Moreira de Mello, Ana Maria Fraga, Kelly Nunes e Sabine Eggers. Foi publicado no Plos Neglected tropical diseases. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosntds/article?id=10.1371/journal.pntd.0000575>

⁴Kerttu Majander, Saskia Pfrenge, Arthur Kocher, Denise Kuhnert, Johannes Krause, Verena J. Schueneman são os autores de *Ancient Bacterial Genomes Reveal a High Diversity of Treponema pallidum Strains* publicado em outubro de 2020 na *Early Modern Europe*, Current Biology.



Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

cirurgiões, patologistas, imunologistas, microbiologistas, venereologista, sífilógrafos, herpetologistas que de algum modo acabaram direcionando seu intelecto para o entendimento da doença ou algumas de suas especificidades. Mauro Cunha Ramos⁵ afirma que a dermatologia nasceu com as doenças sexualmente transmissíveis. “A sífilis era a questão mais importante em termos de dermatologia na época tanto é que até hoje manteve-se o nome da Sociedade europeia de dermatologia e venerologia”, comenta.

Segundo Luiz Alberto Peregrino Ferreira⁶, pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina, a primeira descrição da doença foi feita em 1495 pelo médico italiano, nascido em Verona, Girolamo Fracastoro, na obra *Syphilis sive morbus Gallieus* (A sífilis ou morbo Gálico), publicada em 1530. O texto foi escrito em poema, com 1300 versos hexamétricos⁷. O autor demonstrou experiência com a doença e crença de que tratava-se de uma enfermidade antiga⁸. Além disso, deixou transparecer compreensão dos acontecimentos, das decisões políticas de seu tempo. Era um homem erudito. Havia estudado astronomia, lógica, artes, astrologia além de medicina.

Em 1546 Fracastoro publicou *De contagione et contagiosis morbis libri III* sobre as causas e modo de transmissão das doenças. As revelações apresentadas na obra causaram furor na sociedade italiana, demarcando estigma em relação a doença e que,

⁵ Mauro Cunha Ramos é médico dermatologista. Entrevista realizada com a autora em 19/12/2020.

⁶ Professor e pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁷ De acordo com Campos (1960) versos hexamétricos fazem parte da composição de um poema com forma poética elaborada, a cada verso, com seis métricas iguais que podem ser dactílicos ou espondeus. Trata-se de um gênero textual muito utilizado pelos povos gregos e romanos. O poema *Ilíada* foi escrito com versos em hexâmetro dactílico.

⁸ *...quamquam nobis nec nomine nota hactenus illa fuit: quoniam longaeva vetustas cuncta situ involvens, et res, et nomina delet: nec monumenta patrum seri videre nepotes....* (In: Girolamo Fracastoro and the Origin of the Etymology of Syphilis in *Advances in Historical Studies*)

Ainda que a mesma não fosse conhecida por nós com um nome até agora; porquanto a longaeva antiguidade, envolvendo todo com seu mofo, destrói as coisas e os nomes e não vêem os netos vindos mais tarde, o que digno de lembrança deixaram os pais. (Tradução Mariano Barthe Dupont)



ISSN: 2448-3370

talvez por isso, sua obra não tenha tido a exposição merecida. Mesmo com o esforço de Fracastoro entre outras pessoas interessadas em entender e descrever a sífilis, durante mais três séculos foi confundida com outras doenças sexualmente transmissíveis e seguiu incólume causando dores, angústias e mortes.

Como podemos constatar a história da doença é repleta de curiosidades e também de intrigas. Possivelmente daria um bom roteiro para uma série. Mas o fato é que a sífilis foi tão avassaladora que foi entendida por muitos como uma verdadeira peste.

Quando olhamos em perspectiva os registros sobre a doença fica nítida a necessidade de tratamento e as variadas tentativas e alternativas alçadas já que a sífilis se manifestava com complexidade, de modos distintos, conduzindo pessoas à loucura por problemas neurológicos. Em 2019 completou 60 anos da morte de Heleno de Freitas, jogador de futebol, que mencionamos anteriormente. Ele morreu devido o estágio avançado da doença que comprometeu seu sistema neurológico. Passou os últimos anos de sua vida em hospital psiquiátrico Casa de Saúde São Sebastião. Mauro Cunha Ramos lembra do professor emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Ellis Arlindo D'Arrigo Busnello, afirmar que a maioria dos internos tidos como doentes crônicos do Hospital Psiquiátrico São Pedro, localizado em Porto Alegre, nos anos que antecederam o Século XXI era por sífilis.

Em 1500, os pacientes eram tratados com iodeto de potássio. Até 1838 as manifestações sintomáticas da sífilis eram confundidas com outra doença terrível, a gonorreia. Foi neste ano que o médico francês Phillippe Ricord conseguiu comprovação de seus estudos que demonstravam que sífilis e gonorreia eram distintas. A partir de então novas contudutas poderiam ser propostas.

Em 1857 foi utilizado a malarioterapia, método criado pelo psiquiatra austríaco Jullius Wagner Jauregg. A técnica consistia em injetar Plasmodium na veia dos pacientes para que fosse produzida febre. Acreditava-se que a febre alta teria a possibilidade de



ISSN: 2448-3370

matar os treponemas, bactérias que causam a doença. No mesmo ano passou a ser empregado o mercúrio. Acreditava-se erroneamente que a intoxicação que o mercúrio causava no corpo poderia banir a doença através de sudoreses, diarreias e salivação excessiva.

Em 1888, as esperanças foram depositadas no emprego do bismuto e do iodeto de potássio e do arsênio. No mesmo ano o venerologista M. León Bassereau ganhou medalha de prata pela Sociedade de Medicina de Paris por propor tratamento para sífilis com iodeto de potássio. Os três foram recebidos com entusiasmo por atuarem bem em várias formas de manifestações da doença, mas com o passar do tempo ficou provada a ineficácia de ambos para a cura.

Em 1906 foi realizado o primeiro teste sorológico para sífilis por August Paul von Wasserman. Dois anos mais tarde foi reconhecido o primeiro quimioterápico desenvolvido pelo judeu Paul Ehrlich tratava-se do Salvarsan - e depois do Neo Salvarsan. O nome do medicamento foi derivado da união de 'salve' e 'arsen', vocábulos que em latim significam saudável, desejo de todos envolvidos com a temática e das pessoas acometidas pela sífilis, e arsênico – novo componente no enfrentamento da enfermidade e única alternativa ao tratamento com mercúrio, vigente na época.

O medicamento foi patenteado pela Hoechst e considerado sucesso de vendas embora o arsênio fosse constituinte perigoso pois sem dosagem alta poderia matar. Ehrlich recebeu prêmio Nobel de Medicina em 1908, e enfrentou escândalos envolvendo o uso inapropriado do medicamento e manifestações de religiosos e protestos de pessoas que consideravam a sífilis um pecado merecido pela prática da luxúria.

No Brasil o Elixir 914 foi amplamente usado, recomendado publicamente em jornais por pessoas influentes que se diziam curados da doença. O *Jornal do Comércio* edição de 24 de agosto de 1913 trouxe um depoimento, como será exposto em momento posterior junto com nossa principal ilustração, impressa no jornal *O Momento*, de Caxias



Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

do Sul, edição de três de março de 1945. Nos valemos de Ferrara (2008) e a teoria da espacialidade que supõe enfrentar o resgate das manifestações presentes nas suas constituições históricas e características dos processos de representação e o modo como se comunicam historicamente.

Antes de apresentar nossa análise cabe registrar que em 1905 foi descoberto o agente causador da sífilis (*Spirochaeta pallida*) por Fritz Richard Schaudinn e Erich Hoffmann. Vinte e três anos depois, em 1928, Alexandre Fleming descobriu a penicilina, antibiótico eficaz que passaria a ser usado contra doenças bacterianas. Somente quinze anos depois, em 1943, que John Mahoney, médico americano, utilizou e comprovou a eficácia da invenção de Fleming no tratamento da sífilis. Desde então os tratamentos foram sofrendo ajustes mas substância sempre está presente e é tida como opção segura para a cura da doença.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CAMPOS, Geir. **Pequeno dicionário de arte poética**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1960.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERRARA, Lucrécia Dallesio. **Comunicação Espaço Cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.

FERREIRA, Luiz Alberto Peregrino, DUPONT, Mariano Barthe, FRACASTORO Gerolamo, BONATI, Maurizio Rippa. **Girolamo Fracastoro and the Origin of the Etymology of Syphilis** in *Advances in Historical Studies*, 2017.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

GOLDIM, José Roberto. **O Caso Tuskgee: quando a ciência se torna eticamente inadequada**. 1999. Disponível em <http://www.ufrgs.br/ufrgs/inicial>. Acesso em 02 dez 2020.

HAN, Byung-Chul. **Morte e Alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2020.



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

MOSER, Benjamin. **Clarice**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Estudo da USP desmonta hipótese Colombo da sífilis

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe0502201001.htm> acesso em 28/01/2020.

Fernando Lucas de Melo, Joana Carvalho Moreira de Mello, Ana Maria Fraga, Kelly Nunes, Sabine Eggers. **Syphilis at the Crossroad of Phylogenetics and Paleopathology** in PLoS Neglected Tropical Diseases. Acesso em 28/01/2020.